

Medellín e a ética teológica cristã

Medellín and the christian theological ethics

*Luiz Augusto de Mattos**

Recebido: 14/07/18

Aprovado: 17/08/18

Resumo:

O artigo busca trazer elementos do Documento Conclusivo da II Conferência de Medellín (1968) para a ética teológica cristã no continente latino-americano. A ética teológica não foi um dos temas explorados pela Conferência, mas nas perspectivas globais se percebem vários elementos importantes. Neste sentido, a questão da pobreza e dos pobres que é central em Medellín, deverá ser central também para a ética teológica e ir nas raízes dos problemas que causam a pobreza e a opressão objetivando a libertação.

Palavras-chave: Medellín, ética teológica, pobreza, libertação.

Abstract:

This article seeks to bring elements of the Concluding Document of the II Conference of Medellin (1968) to the Christian theological ethics in the Latin American continent. Theological ethics was not one of the topics explored by the Conference, but in the global perspective one perceives several important elements. In this sense, the question of poverty and of the poor that is central in Medellin should also be central to the theological ethics and go to the roots of the problems that cause poverty and oppression with a view to liberation.

Keywords: Medellin, theological ethics, poverty, liberation.

* Luiz Augusto Mattos é doutor em Ética Teológica e professor no ITESP.

Introdução

A presente reflexão tem como finalidade ponderar sobre a perspectiva que o Documento de Medellín (MD) apresenta a respeito da ética teológica cristã. Para isso, procura resgatar no MD afirmações que apresentam elementos teórico-ético-teológicos que contribuem para a compreensão de traços fundamentais para uma ética teológica de cunho latino-americano.

Também é importante salientar que o MD não teve a pretensão de aprofundar-se a respeito da ética teológica; vale dizer, de trabalhar um item específico a respeito da ética teológica cristã. Mas, ao estudar o MD é possível detectar um posicionamento ético na reinterpretação de vários temas, como: paz, justiça, pobreza, desigualdade, promoção humana. Ou melhor, ao estudar cada temática apresentada depara-se com um *terreno fértil* para a ética teológica fundamental e o ensino social da Igreja.

O documento final de Medellín se propõe a não ser um Documento dogmático, mas sim, palavra de Pastores (Mensagem aos povos da América Latina). O que conclui que a finalidade principal do MD é pastoral. Não seria correto ter a pretensão de considerar os textos finais da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano como exposição sistemática sobre a ética teológica cristã. Afirma-se que *entre os 16 temas apresentados como 'conclusão' em Medellín, nenhum trata diretamente da moral fundamental. Isto é compreensível dado que se trata de um documento eminentemente pastoral* (REJÓN, 1987, p. 51).

A reflexão que segue é realizada a partir dos seguintes passos: em um primeiro momento, procura trabalhar a significação simbólica, espiritual e teológica da Conferência; em seguida, tenta desenhar os traços da ética teológica na trilha dos temas que o compõe, e, por fim, as questões que ficam daqui para frente.

1. Aspectos importantes da Conferência segundo o Documento de Medellín.

A Conferência de Medellín foi, antes de tudo, uma ousada, profunda, espiritual e esperançosa experiência eclesial de abertura a um compromisso solidário como o Povo de Deus. Foi uma forma única, inovadora e criativa de assumir uma *recepção* do Concílio Vaticano II desde a realidade continental latino-americana.

Ademais, a recepção do Concílio Vaticano II veio em hora propícia, por um lado,

pela crescente consciência da injustiça social, da situação de dependência e de subdesenvolvimento que assolava o continente e urgia uma ação decidida pela *mudança social*, em busca de uma *nova sociedade*; por outro lado, pelo processo de renovação profunda da Igreja na sua relação com a sociedade e em relação à sua própria auto compreensão. Houve, sem dúvida, uma feliz coincidência desses dois processos, o social e o eclesial, que oferecem a moldura adequada ao grande tema, oportunamente definido, *A Igreja na atual Transformação da América Latina à luz do Concílio* (CALIMAN, 1999, p.169).

Há que destacar que em Medellín a Igreja recebe de maneira apropriada as decisões do Concílio Vaticano II para o ser humano latino-americano que vivia um momento histórico importante, sobretudo os empobrecidos. Por isso, a Igreja não se apresenta mais como *reflexo* de um modo de ser Igreja na Europa, mas como *fonte* para as questões e as esperanças do Povo de Deus na América Latina. Caliman (1999, 170), destaca que essa Igreja que se volta para o homem latino-americano não realiza esta volta mais de modo tradicional como forma saudosista dos tempos de cristandade ou neocristandade, mas faz-se peregrina rumo a essa sociedade dilacerada pelo conflito social e pela injustiça dilacerada. A Igreja já não usa mais o poder e os privilégios, mas o serviço e testemunho junto aos mais fracos e pobres. Revelando sua profecia através do clamor de milhões de homens que pedem libertação aos seus pastores.

Importa também enfatizar alguns pontos ou aspectos relevantes que permeiam o MD e, ao mesmo tempo, compreender porque a conferência foi uma *experiência espiritual* (GUTIÉRREZ, 2008, 6-12), a qual se manifestou (e continua se manifestando) como sementeira fecunda para a floração de uma experiência cristã em nossa realidade – desde uma *recepção criativa* e ousada à luz da inserção no sociocultural, da inculturação e da libertação.

Um *primeiro aspecto* tem a ver com a consciência de que se deve *partir da realidade do povo*, em meio a qual a Igreja deveria ser sinal visível do Reino. É a Igreja mergulhada na situação concreta do povo sofrido e injustiçado, e buscando ver, pelo discernimento à luz da Palavra, na alegria e nos sonhos do próprio povo os Sinais dos tempos. Apesar de que a Conferência de Medellín se depara com uma situação complicada nos níveis sociais, políticos e econômicos, o que não ajudava em nada no pensar alternativa para o continente, o MD além de denunciar *a violência institucionalizada, a desigualdade excessiva entre ricos e pobres, a situação de injustiça*, apresenta valores e possibilidades de superação. Para isso fala de *libertação integral; compromisso de solidariedade com os que sofrem; tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres etc.*

Outro aspecto que aparece no MD diz respeito à pobreza. Pobreza não entendida somente com realidade conjuntural ou social, mas tem também um aspecto mais global. Em Medellín se afirma que a pobreza real ou material é uma condição injusta:

Existem muitos estudos sobre a situação do homem latino-americano. Em todos eles se descreve a miséria que marginaliza grandes grupos humanos. Esta miséria, como fato coletivo, é injustiça que brada aos céus (MD Justiça, 1);

Desigualdades excessivas entre as classes sociais... poucos têm muito (cultura, riqueza, poder, prestígio...) enquanto muitos nada têm (MD Paz, 3);

Formas de opressão de grupos e setores dominantes: sem excluir uma eventual vontade de opressão observa-se mais frequentemente uma insensibilidade lamentável dos setores mais favorecidos frente à miséria dos setores marginalizados (MD Paz, 5);

os países produtores de matérias-primas... permanecem sempre pobres, enquanto que os países industrializados se enriquecem cada vez mais (MD Paz, 9).

Um terceiro aspecto que aparece no MD é a preocupação com a *libertação integral* e a *promoção do homem em toda sua dimensão* (MD Justiça, 4). Há uma compreensão de que um Continente novo só é possível a partir de um ser humano novo (MD Justiça, 3). No mesmo parágrafo o MD lembra também a necessidade de novas e renovadas estruturas. Para compreender melhor essa preocupação afirma o MD:

O amor, a lei fundamental da perfeição humana, e por isso mesmo da transformação do mundo, não é apenas o mandamento supremo do Senhor, como também o dinamismo que deve mover os cristãos a realizarem a justiça no mundo, tendo como fundamento a verdade e como sinal a liberdade (MD Justiça, 4).

Um quarto aspecto a ser considerado tem a ver com a Igreja pobre e solidária com os pobres. O MD, partindo de João XXIII que no discurso de abertura do Concílio Vaticano II dizia que *A Igreja quer ser a Igreja de todos e, particularmente, a Igreja dos pobres*, dá um passo importante ao mostrar a predileção, a preferência da Igreja pelos pobres. De uma Igreja Povo de Deus a um rosto de Igreja dos pobres. E mais, de uma Igreja dos pobres para uma Igreja pobre. Vejam-se algumas afirmações do MD:

A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de

Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem (MD, Pobreza da Igreja, 7);

A ordem específica do Senhor de evangelizar os pobres deve levar-nos a uma distribuição tal dos esforços e do pessoal apostólico que se dê preferência efetiva aos setores mais pobres, necessitados e segregados por um motivo ou outro... (MD Pobreza da Igreja, 9);

No contexto de pobreza e até miséria em que vive a grande maioria do povo latino-americano, os bispos, sacerdotes e religiosos temos o necessário para a vida e também uma certa segurança, enquanto os pobres carecem do indispensável e se debatem em meio à angústia e incerteza. Não faltam casos em que os pobres sentem que seus bispos, párocos e religiosos não se identificam realmente com eles, com seus problemas e angústias e que nem sempre apoiam os que com eles trabalham ou advogam sua sorte (MD Pobreza da Igreja, 3);

Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres. Esta solidariedade significará fazer nossos seus problemas e lutas e saber falar por eles... (MD Pobreza da Igreja, 10);

A promoção humana será a linha de nossa ação em favor do pobre, respeitando sua dignidade pessoal e ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo (MD Pobreza da Igreja, 11).

O pobre não é tratado como objeto de assistencialismo ou caridade, mas como sujeito da própria promoção humana e social, e libertação de tudo que o oprime e empobrece.

Um quinto aspecto fundamental, sobretudo, para a ética teológica ou para a práxis cristã nas comunidades e compromissos sociais, está na orientação para uma ação evangelizadora. O MD apresenta uma perspectiva para o agir a partir da articulação entre a realidade histórica e a fé, fé e vida, justiça no mundo e fé, liberdade e graça, libertação histórica e libertação escatológica, fé lúcida e comprometida, reflexão teológico-pastoral ancorada em ações libertadoras, e compreende a missão da Igreja não no horizonte espiritualista, mas sim, desde o compromisso com a libertação integral.

A busca cristã da justiça é uma exigência do ensinamento bíblico. Todos os homens somos humildes administradores dos bens. Na busca da salvação devemos evitar o dualismo que separa as tarefas temporais da santificação (MD Justiça, 5);

Na História da Salvação, a obra divina é uma ação de libertação integral e de promoção do homem em toda sua dimensão (MD Justiça, 4).

Um sexto aspecto que se apresenta como desafio na ação evangelizadora tem a ver com a formação da consciência dos cristãos.

Desejamos afirmar que é indispensável a formação da consciência social e a percepção realista dos problemas da comunidade e das estruturas sociais (MD Justiça, 17);

A falta de uma consciência política em nossos países torna imprescindível a ação educadora da Igreja, com o objetivo de que os cristãos considerem sua participação na vida política da nação como um dever de consciência e como o exercício da caridade, em seu sentido mais nobre e eficaz para a vida da comunidade (MD Justiça, 16).

Além desses seis aspectos existem muitos outros que são fundamentais quando se trata de pensar a respeito da ética teológica para nossa realidade continental, ou para ação dos cristãos em qualquer parte do mundo onde a vida clama por amor e liberdade, justiça e libertação integral.

2. Traços de uma ética teológica, na perspectiva de Medellín, para a atualidade.

Uma primeira compreensão a respeito do MD que se deve considerar é a de que este não pretendeu, em seus 16 temas apresentados como *conclusões*, trabalhar direta e aplicadamente a temática da ética teológica. O MD deixa a desejar na área da ética teológica. Fato que é compreensível pela razão de que a preocupação maior do documento era responder à esfera da pastoral. Não obstante, a partir de uma análise das temáticas apresentadas é possível dizer que no MD está latente um alento ético muito profundo, tanto pelo enfoque global como pela problemática escolhida (REJÓN, 1987, 51).

A novidade de Medellín não está nos temas apresentados, e sim, na perspectiva e no método com que trata os temas. Os temas tratados são conhecidos, como: Justiça, Paz, Promoção humana, Família, Educação, Pobreza etc. – mais eram temas considerados na época relevantes e prioritários. Temas que pertencem também ao campo da ética teológica concreta.

Considerando a *novidade* encontrada no MD – ponderando os aspectos apresentados - quais os traços (ou perfil) para uma ética teológica, entre outros, poderiam ser resgatados, isso na trilha de uma resposta adequada, atualizada para a atual demanda do ser humano da Igreja e da Sociedade.¹

¹ Gostaria de lembrar que a ética teológica a partir dos anos 70 começou a trabalhar uma reflexão que resgatava a perspectiva e o método que aponta o MD. A partir da década de 80 os teólogos moralistas não foram bem compreendidos pela Igreja, o que favoreceu um *engessamento* da reflexão. Fato que prejudicou a continuidade de uma reflexão mais inculturada, inserida no contexto latino-americano. Isso aconteceu com toda reflexão e prática pastoral sintonizadas com a teologia de cunho libertador; vale dizer, que apontava para a libertação dos pobres e oprimidos do continente.

a. A realidade como ponto de partida para a reflexão ético-teológica.

O contexto de pobreza, opressão e exclusão se constitui o imperativo como ponto de partida para a reflexão ético-teológica. Ocorre uma articulação entre o lugar *hermenêutico*, epistêmico e o lugar social.

Este modelo de produção reflexiva aponta, impreterivelmente, para uma tomada de posição, uma exigência imperativa em favor de uma repensar a ética teológica à luz dos sofrendores e crucificados da sociedade. Enfim, uma ética teológica situada desde o *reverso da história*. E ainda,

Ao tratar de moral situada, portanto, faz-se referência ao aspecto sociológico – *situação* – e ao aspecto ético – *tomada de posição*. Mas é preciso lembrar que nenhum dos dois – separados – nem ambos – em conjunto – dão garantia, por si, da validade científica da reflexão moral, mesmo supondo-se que o compromisso assumido seja o melhor possível, enquanto opção. De qualquer maneira é preciso explicitá-lo e exercitar uma autovigilância crítica a fim de evitar que intervenham de forma sub-reptícia (REJÓN, 1987, 105).

Uma vez que toda ética teológica necessariamente deveria estar situada no contexto e, portanto, tem de optar por uma tomada de posição, é fundamental que isso ocorra de *modo explícito e consciente*. Nenhuma reflexão é neutra no campo epistêmico e hermenêutico. Por isso, alguns teólogos moralistas têm insistido em explicitar seu ponto de vista desde a realidade dos empobrecidos.

Essa opção ou tomada de posição² coloca a teologia na perspectiva de Medellín. Medellín assume a opção de uma Igreja orientada para o submundo dos pobres. Com isso ocorre uma redefinição ou reviravolta dentro da Igreja, o que demanda também um reposicionamento da ética teológica. Veja o que afirma o MD:

A Igreja – Povo de Deus – prestará sua ajuda aos desvalidos de qualquer tipo e meio social, para que conheçam seus próprios direitos e saibam fazer uso deles (MD Justiça, n. 20); Na história da salvação, a obra divina é uma ação de libertação integral e de promoção do homem em toda sua dimensão (MD Justiça, n. 4).

b. A centralidade do Pobre na ética teológica

A Igreja assume como *ponto de vista* e de compromisso a vida e o mundo dos pobres empobrecidos, e isso ressoa também na reflexão ético-teológica. A perspectiva do pobre deve permear o trabalho reflexivo na teologia moral.

² Uma moral situada conscientemente toma posição. Isto sucede por uma série de fatores que estão na origem de toda reflexão

O MD assinalou um sentido de pobreza como:

Compromisso, que assume voluntariamente e por amor a condição dos necessitados deste mundo para testemunhar o mal que representa e a liberdade espiritual frente aos bens. Segue nisto o exemplo de Cristo que fez suas todas as consequências da condição pecadora dos homens e que ‘sendo rico se fez pobre’ para nos salvar (MD pobreza, n. 4c);

E que sentia as condições de pobreza e subdesenvolvimento do continente, como:

Urgência de traduzir esse espírito de pobreza em gestos, atitudes e normas que a transformem num sinal mais lúcido e autêntico do Senhor. A pobreza de tantos irmãos clama por justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação para o cumprimento pleno da missão salvífica confiada por Cristo. (...) A pobreza da Igreja e se seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem (MD Pobreza, n. 7).

Essa opção-compromisso da Igreja é um fator que vai decantando um modo de viver e compreender o ser cristão em nosso continente latino-americano. A vida cristã configura-se como atitude de serviço à causa dos pobres. A solidariedade com o pobre converte-se em pedra de toque, em *critério verificador* da ética cristã e, imediatamente depois, em nível de formulação sistemática (cf. REJÓN, 1987, p. 140). Não há dúvida que, essa perspectiva até hoje apresenta uma série de questões abertas e de pontos por ser aprofundada quando se estuda algumas temáticas e pressupostos importantes na e para a ética teológica. E ainda mais:

O paradoxo e o escândalo do evangelho consistem precisamente em proclamar a *universalidade a partir da particularidade*: amor a todos na preferência pelo pobre. Se o primado da moral não pode ser outro que a caridade, é preciso entender a caridade não em forma privatizada, mas à luz evangélica (Mt 25,31-45) do amor real e eficaz ao pobre (REJÓN, 1987, 142).

A universalidade desde a opção pelo pobre empobrecido significa a experiência do amor à todos desde o pobre e, ao mesmo tempo, a exigência para todos de amor ao pobre. Há que compreender que partir do pobre como critério ético-teológico significa que a situação *de pobre* é um lugar privilegiado

para que se manifeste a sensibilidade ética e uma prática moral em vista de um compromisso com o Reino. Enfim,

A perspectiva do pobre... não acrescenta temática nova, em si, para a moral que trata dos mesmos temas fundamentais mais vistos com nova ótica; ressitua-lhes profundamente o conteúdo e destaca-lhes os aspectos que, de outro modo, ficariam ocultos. A tarefa assumida pela reflexão ética na América Latina consiste em *abrir as portas da moral ao pobre e a seu mundo...* às formulações teológicas. Isto não equivale, de modo nenhum, a elaborar uma ética sectária e discriminadora mas constitui a condição para levar a termo realisticamente a plena universalidade da opção preferencial dos pobres (REJÓN, 1987, 142).

Se a ética teológica quer ser fiel ao espírito de Medellín não poderá prescindir de apresentar o pobre com centralidade no seu método, na configuração e interpretação do valor último e fundamental da ética – só assim a ética terá credibilidade e plausibilidade, sobretudo em relação à grande maioria crucificada da população.

c. O conceito libertação em Medellín

Um conceito chave em Medellín, o qual contribui para um repensar a ética teológica, diz respeito ao da Libertação. Esse conceito não surge por *modismo* ou *radicalismo*, mas em resposta a um contexto de injustiça, de opressão e de empobrecimento da grande maioria. E, ao mesmo tempo, o conceito surge por uma *necessidade teológica* diante de uma realidade que não favorece a presença salvadora de Deus.

Assim como Israel, o antigo Povo sentia a presença salvífica de Deus quando da libertação do Egito, da passagem pelo Mar Vermelho e conquista da Terra Prometida, assim também nós, o Novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva quando se dá o verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas. (MD Introdução, n. 6).

Há uma concepção teológica de que a evangelização implica, impreterivelmente, uma libertação de toda opressão que maltrata a vida humana. A experiência libertadora tem que levar a uma humanização do Povo. O mesmo Deus que cria o homem segundo sua imagem e semelhança cria a *terra e tudo que ela contém para uso de todos os homens e povos, de modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade*, e lhe dá poder para que solidariamente transforme e aperfeiçoe o mundo (MD Justiça, n. 3); Na História da Salvação, a obra divina é uma ação de libertação integral e de promoção

do homem em toda sua dimensão, que tem como único móvel o amor (MD Justiça, n. 4).

A libertação, desde a perspectiva cristã, é compreendida como:

Um conceito ético enquanto implica numa *ortodoxia* (crer no Deus Pai de todos os homens e em seu Filho Jesus que assumiu a causa dos filhos marginalizados para estabelecer uma verdadeira humanidade) e ao mesmo tempo numa *ortopraxis* (a missão do cristão de denunciar as estruturas injustas que contradizem o plano libertador de Deus) (MIFISUD, 1984,207).

Enfim, uma ética teológica sistematizada a partir do conceito libertação tem que contribuir com ação libertadora que se fundamenta e reforça na Pessoa de Jesus, o Cristo, e se intensifica por meio de um compromisso que procura superar toda injustiça social que gera o empobrecimento do Povo.

d. Outras considerações para uma Ética teológica na perspectiva de Medellín.

A partir do Documento de Medellín é possível seguir intuindo mais *notas* ou características para uma ética teológica, além dos itens já considerados. Uma primeira *nota*, que deveria permear a reflexão ético-teológica, pode ser a *proposta crítico-utópica* (MIFISUD, 1984, 209). Importante a ética teológica deslumbrar em sua reflexão que aponta um compromisso utópico na construção do Reino de Deus – *Não podemos deixar de descobrir nesta vontade... de transformação, os vestígios da imagem de Deus no homem, como um potente dinamismo* (MD Introdução, n. 4). Nesse sentido, a perspectiva crítico-utópica tem de fomentar uma ação que vai ao encontro da raiz e/ou das causas que tem promovido a marginalização e a opressão na sociedade. Como afirma Rejón,

A utopia, enquanto projeto histórico racional e dinamizador relacionado com a realidade, desempenha dupla função social: questiona a ordem existente e propõe uma alternativa. Evidentemente tudo isso supõe ou implica uma dimensão ética. O ponto de referência que fundamenta a crítica da realidade é um juízo baseado num ideal ético e não unicamente racional. A proposta de alternativa pretende concretizar na realidade histórica um mundo novo e melhor, à luz da moral (REJÓN, 1987, 156)

A utopia na trilha do Reino é fonte de esperança e de iniciativa, de compromisso e transformação, visando conquistar uma realidade mais conforme com os sinais do Projeto de Deus. Caso contrário, a ética teológica poderá estar legitimando, alimentando e acobertando uma situação anti reino.

A segunda nota também fundamental para a ética teológica tem a ver com o *método ético-profético* (MIFISUD, 1984, 209). A ética teológica, desde a ótica de Medellín, deve sustentar uma metodologia que promove uma *clareza para ver, lucidez para diagnosticar e solidariedade para atuar* (MD Mensagem 3). Não se deve esquecer de que essa metodologia contribui com uma análise crítica do contexto societário, e, ao mesmo tempo, não pode deixar de demonstrar uma opção pelos pobres e uma representação de Deus tomando partido dos últimos da história.

Uma terceira nota da e para a ética teológica corresponde a um agir ético concretizado na solidariedade com os vulneráveis e empobrecidos. *A promoção humana será a linha de nossa ação em favor do pobre, respeitando sua dignidade pessoal e ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo* (MD Pobreza da Igreja n. 11). Enfim, tratar de uma ética teológica a partir de Medellín impreterivelmente demanda uma reflexão sistemática e inserida no contexto que tem como princípio básico a luta contra pobreza e opressão, no sonho de uma libertação integral, preferencialmente para os *queridos do Pai*.

3. Desafios a serem enfrentados.

Pensando, hoje, em uma contínua recepção crítica, lúcida, profética e atualizadora de Medellín, estou convicto de que vários desafios são colocados. Mas nesse espaço quero apresentar somente três elementos que me parecem ser importantes.

Um primeiro elemento tem a ver com a *financeirização da vida* (MATTOS, 2017,69-93). Enquanto o MD apresenta um *certo* otimismo com o modelo de desenvolvimento da sociedade, na atualidade a realidade é completamente outra. Caminha-se para uma desordem mundial de decadência, aberta e preocupante, a qual reflete em nosso Continente latino-americano. Realidade constatável na desigualdade social, golpes de Estado, crise da esquerda, injustiça para com os povos indígenas, camponeses e afrodescendentes, exclusão dos pobres etc. Tudo respaldado e fomentado pelo Capitalismo financeiro.

Com isso se vive uma financeirização que está destruindo as relações sociais, e com isso a negação do sujeito ético. Isso se dá porque tudo é pensado e dinamizado a partir da mercantilização da vida em qualquer nível. O que impede lutar ou sonhar pelos direitos mais elementares para uma vida digna e justa. Contribuindo para um processo de aumento da pobreza e da exclusão, da destruição do processo democrático e um modelo fundamentalista e neoconservador da sociedade.

Um segundo elemento diz respeito a uma *política de sustentabilidade do sistema-Terra e do modo de reprodução da vida*. Por isso, no atual contexto

planetário é preciso um empenho redobrado de trabalho contra uma possível catástrofe que ameça o futuro da vida *na e da* Terra.

Em Medellín não se tratou, por exemplo, da seriedade da falta de sustentabilidade ecológica, devido à destruição da biodiversidade. Essa questão não era candente na década de 60 nos debates teológicos, sociológicos etc. Na atualidade não deixa de ser irresponsabilidade séria não assumir como Igreja e sociedade a temática da sustentabilidade. Do contrário, é uma maneira apropriada de trabalhar pela morte do que resto de vida na Terra.

Por fim, apresento mais um elemento: Lutar pela superação da *civilização da pobreza* (SOBRINO, 2008). Essa civilização tampouco aceita a dinâmica da *civilização do capital* ou da *riqueza*. Essa civilização da pobreza quer manter tudo o que fosse conquista importante do presente histórico: a investigação científica, que melhorou vários âmbitos da vida; o progresso ético-cultural em direitos humanos e outros progressos ideológico-culturais, como poderiam ser alguns elementos das democracias atuais. Superar salvificamente não significa, portanto, começar do nada, mas começar de novo e começar contra os princípios que configuram a atual civilização da riqueza.

Por um compromisso com a humanização há que seguir trabalhando para combater as causas que têm levado ao empobrecimento e exclusão, a destruição da democracia, a manipulação dos direitos humanos, a falta de responsabilidade com a realidade ecológica, a escandalosa distância entre os ricos e os pobres etc.

A ética teológica não pode prescindir de uma perspectiva que pensa o compromisso com uma civilização onde todos possam ter uma *morada habitável* garantida. Numa civilização enferma, como a atual, os pobres excluídos e vitimados deverão coparticipar se se quer uma civilização mais digna e justa.

Referência bibliográfica.

- CALIMAN, C. A trinta anos de Medellín. Uma nova consciência eclesial na América Latina, in *Perspectiva Teológica*, v. 31, 1999, pp. 163-180.
- GUTIÉRREZ, G. Medellín: una experiencia espiritual, in *Páginas*, n. 210, 2008, pp. 6-12.
- MATTOS, L. A. O fundamentalismo e a negação do sujeito ético: em tempo de financeirização da vida e cuidado da vida. In M. I. de Castro MILLEN e R. ZACHARIAS, *Fundamentalismo*. Desafios à ética teológica. Aparecida: Santuário, 2017, pp. 69-93.
- MIFSUD, T. O desenvolvimento de uma ética de libertação nos documentos da Igreja desde o Concílio Vaticano II. In *Concilium* 192, 1984/2, pp. 204-212.
- REJÓN, F. M. *Teología moral a partir dos pobres*. A moral na reflexão teológica da América Latina. Aparecida: Santuário, 1987.
- SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*. Pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008.